

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

INDECISÃO NO CAMINHO DAS URNAS

MAIORIA DOS ALUNOS COM MAIS
DE 16 ANOS QUER VOTAR NAS
PRÓXIMAS ELEIÇÕES, MAS NÃO
SABE EM QUEM, REVELA PESQUISA





CSVP PEDE PAZ

Um lindo Ato pela Paz, Fraternidade e Superação da Violência tomou conta da quadra do Colégio, na manhã de 18 de maio. Regidos pelo professor de música José d'Assumpção, alunos, educadores, pais e familiares cantaram juntos a canção *A Paz*, de Gilberto Gil, no ato promovido pela APM, em conjunto com a Associação de Professores, Grêmios, Diretoria e Coordenações do São Vicente.

A aluna Maya Linck, do 1º EM, leu a mensagem da mãe do bebê Caique, atingido por uma bala perdida dias antes, agradecendo as muitas mensagens de solidariedade recebidas pela família. Ao final, sob aplausos de todos, balões brancos foram soltos para o céu.

a chama

Revista editada pela
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLV Nº 99
Agosto/ 2018

Supervisão Editorial
Pe. Maurício Paulinelli, Marlene Duarte e Carolina Ebel

Reportagem e Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão
Pe. Maurício Paulinelli, Marlene Duarte e Carolina Ebel

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Fotos
Arquivo CSVP, Simone Fuss, Rosa Lima, Equipe TETO, Bruna Perroni, Juliana Rocha/ RIOetc, João Luiz Oliveira, Joana Cabral e Christina Barcellos

Ilustrações
Capa: Julia Neffa e Valentina Jacob,
Artigo: Penélope Palma

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem
2 mil exemplares

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora Presidente
Simone Fuss Maia da Silva

Diretor Vice-Presidente
Carlos Machado de Freitas

Diretora Secretária
Sílvia Braña Lopez

Diretora Tesoureira
Renata Gorges Rocha Guimarães

Diretora Social
Marlene Martins Duarte

Representante dos Professores
Ivone Vieira

Assistente Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal
Natália França Ourique, Carolina Ebel de Ribeiro Lopes, Vania Etinger de Araujo, Hércio França Alvim Filho, Neuza Carla Miklos Pereira, Cláudia Regina de Moura Duarte

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 **CAPA**
O PRIMEIRO VOTO DO ALUNO VICENTINO

6 **AÇÃO PEDAGÓGICA**
ESTRATÉGIAS PARA A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

8 **COMO SE FAZ**
BIBLIOTECA JUVENIL: LUGAR DE LEITURA E LAZER

12 **APM**
RODA DE CONVERSA DEBATE INCLUSÃO

14 **EJA**
CURSO DE TEATRO GRATUITO AOS SÁBADOS

16 **ARTIGO**
ALUNOS REFLETEM SOBRE O EGOÍSMO

18 **TRANSFORMADORA SOCIAL**
MANUELA YAMADA E O FESTIVAL COLABORAMERICA

20 **AÇÃO SOCIAL**
A EXPERIÊNCIA DE CONSTRUIR UM TETO

23 **NOTAS**

CARO LEITOR

Em outubro próximo, mais uma vez milhões de eleitores brasileiros irão às urnas para escolher presidente, governador, senador, deputado federal e estadual. Alguns estarão votando pela primeira vez. Para saber como pensa o jovem eleitor que estuda no São Vicente, a revista A Chama fez uma pesquisa, com o objetivo de entender a parcela de estudantes aptos a votar que de fato o fará na próxima eleição e como eles se comportarão. O resultado é a matéria de capa desta edição.

A construção de uma cultura de paz e a discussão de estratégias para a superação da violência também estão entre os assuntos abordados neste número. Na seção Transformador Social, trazemos a história da ex-aluna Manuela Yamada, que está à frente do ColaborAmerica, festival que reúne inovadores digitais e sociais, com o objetivo de debater as novas economias. Na seção Como Se Faz, elegemos a Biblioteca Juvenil para mostrar a importância do espaço, referência entre os alunos, no dia a dia escolar, e contar um pouco sobre o funcionamento da Ciranda de Livros, projeto de formação de leitores que atravessa a vida dos alunos de todos os segmentos do Colégio.

Neste número tivemos maior participação da comunidade escolar. Nossa capa é uma ilustração das alunas Julia Neffa e Valentina Jacob, ambas da turma 2A. A presidente da Associação de Pais e Mestres, Simone Fuss, e o aluno Matheus Benjamim, da 2C, escreveram sobre a experiência de participar da construção de uma casa junto com a ONG Teto. E temos também um artigo escrito pelos alunos Nicolás da Cruz Cano e José Eduardo Tukia, ambos da 3C. Que a parceria com a comunidade permaneça e cresça!

Obrigada e boa leitura!

*Marlene Duarte
Diretora Social da APM*

O PRIMEIRO VOTO

Pesquisa com alunos do Ensino Médio mostra que a maioria não sabia em quem votar a três meses das eleições majoritárias no país

92,4%
NUNCA
VOTARAM

No ano em que vão inaugurar o título eleitoral digital, os brasileiros vão às urnas escolher presidente, governadores, senadores e deputados em meio a um cenário de crise de representatividade e muita polarização política. *A Chama* foi a campo, sondar como se posicionam os alunos do Colégio São Vicente, com mais de 16 anos, sobre as próximas eleições majoritárias.

Na última semana antes das férias escolares, os alunos do Ensino Médio foram convidados a responder a uma pesquisa online elaborada pela Associação de Pais e Mestres. E o que ela revelou foi muita incerteza e apenas uma unanimidade: cerca de 85% dos alunos que tiraram o título de eleitor e pretendem votar em outubro, ainda não escolheram seu candidato ou candidata à Presidência da República. Apesar disso, 97% dos respondentes têm pelo menos uma certeza: não votariam de jeito nenhum em Jair Bolsonaro.

No total, entre 110 cliques ao link, a enquete recebeu 66 respostas de alunos. Desses, 61 (92,4%) nunca votaram na vida. Mesmo o voto sendo facultativo – 83,3% dos respondentes têm menos de 18 anos –, 69,7% disseram que pretendem ir às urnas nas próximas eleições, por considerarem importante sua participação na escolha dos representantes. É o caso dos oito alunos do 2º e 3º anos, que se dispuseram a dar seu depoimento nesta matéria.

“Tirei o título assim que pude, mesmo não sendo obrigatório, porque votar é uma das várias formas que a gente tem de participar da política, ainda mais no momento crítico em que estamos vivendo”, disse Isabela Lopes, do 3º ano B. “Cada voto conta. Para eleger quem eu gostaria, também tenho que fazer minha parte”, acredita Mateus Duarte de Freitas, do 2º ano B. “Acho que essas vão ser eleições importantes,

13,4% NÃO
TÊM TÍTULO E
3% NÃO TÊM
IDADE PARA
VOTAR

69,7%
PRETENDEM
VOTAR

84,8%
AINDA NÃO
ESCOLHERAM
SEU CANDIDATO
A PRESIDENTE

7,5% NÃO
ACREDITAM EM
ELEIÇÃO E **4,5%**
NÃO SE SENTEM
PRONTOS PARA
VOTAR

MAS 97%
SABEM QUE
NÃO VOTARÃO
DE JEITO
NENHUM EM
BOLSONARO

dada a situação do Brasil, então me senti motivado a votar”, declarou Pedro Cunha, da turma 2C.

Dos cerca de 30% que não vão votar, dois têm menos de 16 anos, oito não tiraram o título de eleitor, um vai fazer intercâmbio no exterior, três disseram que não se sentem prontos ou maduros para votar e quatro alegaram não gostar de nenhum político ou não acreditar no voto, como forma de participação ou mudança.

Dos respondentes que já se decidiram em quem votar para presidente, três vão dar seu voto para Ciro Gomes, um para Marina Silva, um para Eduardo Jorge e um para Manuela D’Ávila ou Guilherme Boulos. Três alunos declararam seu voto para o ex-presidente Lula, mas, com a impossibilidade de ele se candidatar, vão votar em Ciro, um deles, e em Guilherme Boulos ou Fernando Haddad, outro. Um aluno já se decidiu por anular seu voto.

Mas o que chama mesmo a atenção é o grande número de indecisos a três meses das eleições. O que, aliás, não difere muito do conjunto da população brasileira, segundo revelam as pesquisas dos principais institutos do país. De acordo com a pesquisa do Ibope divulgada no final de junho, 6 em cada 10 eleitores não sabem em quem votar.

Também no Colégio São Vicente, a maioria dos alunos aptos a votar sabe mais em quem não votar: extremistas, machistas, xenófobos, racistas, intolerantes, defensores da tortura. As palavras foram usadas por eles na pesquisa.

Se para presidente, 85% não escolheram candidato, para o Senado e o Governo do Estado, a situação é ainda pior: 94% não têm candidato a senador e 91% não escolheram quem querem ter como governador do Estado do Rio. Para deputado, federal ou estadual, esse percentual cai para 80%.

É bem verdade que a enquete foi feita em plena Copa do Mundo de Futebol, quando o próprio cenário político-eleitoral ainda estava incerto, com muitos partidos sem definição de seus próprios candidatos. Mas se não são capazes de apontar nomes com certeza, muitos alunos do Colégio sabem bem o que esperam dos novos governantes e representantes do Legislativo, como declararam em seus depoimentos: que sejam honestos, competentes e comprometidos com um Brasil mais justo e menos desigual. Confirmam o que eles disseram nas páginas a seguir.

ENTRE OS
15,2% QUE JÁ
SE DECIDIRAM,
36,4%
GOSTARIAM
DE VOTAR NO
LULA

CIRO TEM
27,3% DOS
VOTOS. MANUELA,
BOULOS, MARINA
E EDUARDO
JORGE TEM
9,1% CADA

9,1%
VOTAM
NULO

9,1% TÊM
CANDIDATO A
GOVERNADOR,
6,1% A SENADOR,
19,4% A DEPUTADO
FEDERAL E **10,5%**
A DEPUTADO
ESTADUAL

O QUE DIZEM OS NOVOS ELEITORES

Pedro Leite, 17 anos, turma 3A

“Tirei o título ano passado, logo que fiz 16 anos, por vontade mesmo de votar. Para presidente, meu candidato por enquanto é o Lula. Acho que ele foi o melhor presidente da história do Brasil, acredito plenamente na inocência dele e gostaria que ele voltasse a governar o país, com mudanças, claro, porque o governo dele também teve muitos erros. Mas acredito que o Lula não vai conseguir manter a candidatura, do jeito que as coisas vão. Então, no cenário atual, sabendo que muita coisa pode mudar até as eleições, vou votar no Ciro Gomes. O que eu gostaria de ver no Brasil é um governo de esquerda, que represente o povo e atue ao lado dos trabalhadores para vencermos a crise econômica. Mas, francamente, não sou muito otimista, vejo um cenário bastante sombrio para os próximos anos no Brasil. Os meus sonhos para o país são os básicos de sempre: educação, saúde, moradia, emprego, segurança, que permitam às pessoas viverem suas vidas. No Rio, ainda não tenho candidato. Para senador e deputado estadual, também não sei em quem vou votar. Mas para deputado federal, voto no Wadhi Damous.”

Pedro Cunha, 16 anos, turma 2C

“Tirei meu título no último dia do prazo. Acho que essas vão ser eleições importantes, dada a situação do Brasil, então me senti motivado a votar. Ainda não sei em quem, mas sei que não pretendo votar naqueles políticos extremamente polarizados, como é o caso do Bolsonaro e da Manuela D’Ávila. Dos que estão aí, não gosto dele, mas o Ciro Gomes tem aparecido para mim como a melhor opção. Acho que as gestões anteriores deixaram o Brasil numa situação muito crítica. No momento, precisamos de um líder extremamente capaz de mudar o rumo das coisas, fazer a nossa economia voltar a crescer, dar mais impulso nos projetos sociais, para que a gente consiga criar mais empregos e dar melhores condições de vida para as pessoas. No Rio, a situação é ainda pior. O Estado está quebrado e o governador Pezão tem sido um líder ruim, que não consegue nem pagar aos servidores. Aqui precisamos de uma pessoa extremamente competente, que nos tire dessa crise. Mas ainda não escolhi meus candidatos para o governo do Estado, nem para o Legislativo.”

João Bastos, 17 anos, turma 2C

“Tirei o título de eleitor porque considero muito importante o ato de votar, e porque vamos escolher nossos representantes. Então, precisamos saber a história deles e suas propostas para escolhermos bem quem será eleito. Estou muito indignado com a situação do país, e essa é uma das formas de mudar, votando. Ainda não sei em quem vou votar, estou pesquisando. O que espero é que os eleitos governem pensando na população. Apesar de estarmos vivendo uma crise econômica, acredito que o mais importante é ter uma visão mais social, que combata a desigualdade, a pobreza e os privilégios e melhore as condições de saúde e educação. Cuidando bem dessas áreas, futuramente poderemos ter pessoas mais bem formadas e estruturadas e o desenvolvimento econômico virá como consequência. Outra questão que considero importante é não ser extremista, xenófobo, racista, machista... são características que só atrapalham a situação, aumentando o ódio entre a população.”

Luísa Mansur, 16 anos, turma 2C

“Nas últimas eleições, fiz muita campanha para o Marcelo Freixo e queria votar, só que eu não tinha idade ainda. Agora posso e quero participar. Porque é assim que a gente muda. Meu candidato ideal é o Guilherme Boulos, mas não vou votar nele. Primeiro, porque ele não se elegeu e segundo porque não teria apoio no Congresso e fariam tudo para impedi-lo de governar. Também gostaria de votar no Lula, mas não vão deixar ele se candidatar. Acho que vou votar no Ciro Gomes porque de todos que eu gosto é o que tem mais chance de chegar lá. Ele tem um projeto mais de esquerda, mais preocupado com o Brasil, com o social. No Rio, gosto do Tarcísio Motta, que eu acompanho um pouco, mas ainda não me decidi porque não conheço os outros candidatos. Para deputado federal, vou votar na Taliria Petrone, vereadora de Niterói, que é mulher, negra e popular. É essa população que precisa ter mais voz no Parlamento. Para os outros cargos, eu ainda não sei em quem vou votar.”



Isabela Lopes, 16 anos, turma 3B

“Em 2016, eu já queria votar para prefeito, mas não tinha idade ainda. Tirei o título assim que pude, mesmo não sendo obrigatório, porque votar é uma das várias formas que a gente tem de participar da política, ainda mais no momento crítico em que estamos vivendo. É óbvio que participação política não é só nas eleições, acho importante a gente estar mobilizado, nas ruas, se informando e defendendo o que acredita o tempo todo. Eu ainda não escolhi meus candidatos, em primeiro lugar porque não me informei o suficiente até agora sobre eles. Só tenho definido em quem não vou votar. Em um especificamente, o Jair Bolsonaro, porque não tem condição de esse cara ser presidente, é inadmissível. Mas penso numa pessoa que se afine com meus ideais e que tenha uma grande preocupação social, porque essa é a principal função de um governante. Claro que a economia conta, mas a vida das pessoas é maior. Porque a gente vive num país com desigualdades bizarras, que são a fonte de todos os problemas.”

Luísa Reis, 16 anos, turma 2A

“Ver esse cenário político de hoje, quando pessoas que finalmente estavam conseguindo fazer mudanças verdadeiras são executadas, como foi o caso da Marielle Franco, ou presas, como o Lula, me fez querer participar mais para evitar que isso continue acontecendo. Para presidente, eu gostaria muito de poder votar no Lula, mas se não for possível, vou votar no Fernando Haddad ou no Guilherme Boulos. Eu, que morava na Zona Oeste, vi como foi importante o governo Lula. Ele fez muitos projetos sociais importantes e esses projetos foram interrompidos com o golpe sofrido pela Dilma Rousseff. Quero poder dar continuidade a esses projetos e acabar com essa desigualdade social histórica, que a gente tem aqui. Também espero que as milícias sejam combatidas, porque elas são extremamente violentas e, por isso, dentre outras coisas, pretendo votar no Tarcísio Motta, para governador, e, para deputado estadual, vou votar no William Siri, um jovem de Campo Grande, que eu vejo trazendo uma grande mudança para a região. Para os demais cargos ainda não decidi.”



Maria Eduarda Ferreira de Souza, 16 anos, turma 2A

“Vejo que a geração da minha mãe lutou muito para ter o país que a gente tem hoje e acho importante a juventude mostrar que está viva e se importa com os rumos do Brasil. Ainda não me decidi em quem votar para presidente, estou me informando. Hoje penso em votar na Manuela D’Ávila, porque gostei muito do trabalho dela como deputada, mas ainda não tenho certeza se ela é a figura que eu gostaria que me representasse nesse cargo maior. O que eu espero do ou da próxima presidente é que seja uma pessoa honesta, que cumpra com sua palavra, mostre que está realmente preocupada em recuperar o Brasil e transformá-lo num país igual para todos, em termos de oportunidades, de salários iguais para homens e mulheres, um presidente que valorize os professores e os funcionários públicos, que defenda os direitos das minorias, que lute contra o racismo. Tem que ser uma pessoa que governe de fato para todos. Para o Legislativo e para o Estado do Rio, também não tenho candidato, mas só sei que não quero Bolsonaro de jeito nenhum, nem na presidência do país, nem no governo do Estado.”

Mateus Duarte de Freitas, 16 anos, turma 2B

“Desde os 14 anos, eu já queria votar, mas não podia. Assim que fiz 16 anos, tirei meu título porque acho importante participar das eleições. Cada voto conta. Para eleger quem eu gostaria, também tenho que fazer minha parte. Acho o Ciro Gomes um candidato preparado, que tem uma trajetória coerente. Gosto dele e de suas propostas e acredito que pode governar bem o país. E dos candidatos que eu considero “votáveis”, ele é o que tem mais chance de ganhar, então isso é importante também. Sonho com um Brasil menos desigual e acho que ele pode contribuir para isso. No Rio, ainda não estou fechado, mas, a princípio, vou votar no Tarcísio Motta, que é quem mais me agrada. É um professor e acho isso bom. Para deputado federal, vou votar ou no Marcelo Freixo ou na Taliria Petrone, mas para deputado estadual e senador, ainda não decidi.”

PELA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ

Lema da Campanha da CNBB de 2018 – *Fraternidade e superação da violência* – é também tema de reflexão e projetos no São Vicente

Neste ano em que os brasileiros veem agravar-se a crise econômica, política, social e ética por que passa o país, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou o lema *Fraternidade e superação da violência*, para a Campanha da Fraternidade 2018.

O Colégio São Vicente de Paulo entende a violência como um fenômeno complexo, com múltiplas e interconectadas causas dos diversos elementos que compõem a estrutura social. Coerente com o seu Projeto Político-Pedagógico, que afirma o “compromis-

so utópico e a certeza da possibilidade de realizar o ainda não visto, o que ainda não teve lugar – a u-topia”, o São Vicente busca desenvolver projetos e estratégias com foco na superação das estruturas geradoras das diversas formas de violência.

Segundo o diretor do Colégio, Padre Agnaldo Aparecido de Paula, o que se busca na prática é ajudar a construir as bases de um novo ser humano e uma nova sociedade mais justos, fraternos e solidários, sem descuidar de intervenções pontuais, quando exigidas por questões e eventos emergen-

ciais. “O que se deseja em última instância é a construção de uma cultura de Paz, no significado original e mais profundo da palavra Shalom, como completude, perfeição, mais precisamente, uma condição à qual não falta nada. Construir a Paz é, sobretudo, ajudar as pessoas a superarem a fragmentação de suas vidas e refazer as relações quebradas”, diz Pe. Agnaldo.

Conforme Estela Machado, coordenadora pedagógica do 4º e 5º anos do Fundamental, o trabalho educativo desenvolvido com os alunos, pelos professores e toda a comunidade

vicentina, tange reflexões e vivências de aprendizagens que buscam ajudar o ser humano a mudar seu comportamento e postura de vida, cultivando atitudes e valores que favoreçam a construção de um mundo melhor, mais fraterno. Esse trabalho se traduz em diversos projetos nos diferentes segmentos da Escola.

Pensando na melhor forma de abordar a questão dos refugiados, por exemplo, as turmas do 5º ano leram livros e assistiram a animações, tendo como tema crianças que precisaram deixar seus países em busca de locais mais seguros. E, a partir das questões vividas pelos personagens, elas deram início ao projeto *Crianças como você que merecem a paz*, usando a arte e a literatura para refletir e criar novos sentidos para a situação humana, de modo a contribuir para a superação da violência.

Do 6º ao 8º ano, o tema da pintura do muro deste ano foi *Forças de resistência contra a violência*. “Através dele, pensamos sobre quais forças precisamos ativar, em nossas vidas e no convívio social, para chegarmos à superação da violência”, disse a coordenadora pedagógica Norma Hoffmann.

O muro teve sua base pintada de branco e nele os alunos escreveram palavras com fita crepe. Após a pintura, a fita crepe foi retirada e as palavras reveladas. “O resultado é emocionante”, afirmou Norma.

“O professor Cristiano, de Ensino Religioso do 9º ano, trabalhou com o projeto *A Juventude quer Viver*, da Pastoral da Juventude Estudantil, com o foco no extermínio de jovens negros no Estado do Rio de Janeiro. A professora Julia da Rocha Barreto, de Espanhol, está trabalhando, no 1º ano do Ensino Médio, com vocabulário de estereótipos de beleza e do latino-americano na visão do estrangeiro. Já no 2º ano, a professora Glória Helena Pereira Nunes, de Inglês, a partir da leitura do livro *The Great Gatsby*, tratou a cultura da violência na sociedade americana e suas ligações com o submundo do crime nos anos 20”, contou a coordenadora Liliane Ferreira dos Santos.

A Educação de Jovens e Adultos também se debruçou sobre o tema da

“CONSTRUIR A PAZ É, SOBRETUDO, AJUDAR AS PESSOAS A SUPERAREM A FRAGMENTAÇÃO DE SUAS VIDAS E REFAZER AS RELAÇÕES QUEBRADAS.”

PE. AGNALDO DE PAULA,
DIRETOR DO CSVV

superação da violência ao longo do primeiro semestre de 2018. Para além das discussões e trabalhos levados a cabo por diversos professores em sala de aula, alguns eventos especiais se destacam, como a palestra da mexicana Jimena de Garay Hernández, ativista feminista pela Fundación Arcoiris, que falou sobre a violência contra a mulher e transexuais, enfatizando o contexto do Brasil e do México.

“E, para fechar os eventos especiais do semestre, tivemos a honra de receber o deputado Marcelo Freixo, que veio falar sobre o tema *Intervenção federal no RJ e o combate à violência*, momento descontraído de conversa entre ele e os nossos alunos”, disse Luís Gauí, coordenador do segmento.



Do 6º ao 8º ano do Fundamental, o tema da pintura do muro deste ano foi *Forças de resistência contra a violência*

FOTOGRAFIA CSVV

COMO SE FAZ ISSO NO COLÉGIO?

- Atendimentos personalizados, alicerçados na prática do diálogo, do respeito e da construção coletiva dos encaminhamentos.
- Cultura da empatia: não somos adversários, mas irmãos, membros de uma mesma comunidade.
- Projetos e ações sociais com pessoas e grupos vulneráveis, empobrecidos e excluídos.
- Ensino religioso numa perspectiva ecumênica e diálogo inter-religioso como caminho de superação da intolerância religiosa.
- Adoção do tema *Acolher e cuidar: estratégias para a superação da violência*, como conteúdo transversal orientador das atividades no Colégio no ano de 2018.
- O Programa *Como lidar com situações de risco*, coordenado pelo Serviço de Orientação Educacional.
- Organização e/ou participação em manifestações específicas, como no caso do assassinato da Marielle Franco e da bala que atingiu o bebê Caique na quadra da escola.
- Confecção de murais, reflexões em salas de aula promovidas pelos professores, mesas redondas, como a promovida pela Associação de Professores.
- O Projeto Simulações São Vicente de Paulo (SisV), que estimula o debate e a resolução de conflitos inspirados nos organismos da Organização das Nações Unidas (ONU).
- O Projeto de Agências de Criação, realizado pelo 9º ano, com pesquisa e propostas de soluções para questões do cotidiano nas áreas de segurança pública, saúde, educação e transporte.
- Intervenção nas manifestações e atos de violência praticados entre os membros da Comunidade Educativa (alunos, colaboradores, familiares) com o uso de estratégias que privilegiem a conscientização em vez da repressão.
- O espetáculo apresentado pelo Coral Juvenil do Colégio em 2017-2018: *“Estrangeiro eu não vou ser”*.
- Os diversos projetos que estão sendo preparados para a Feira de Cultura e Compromisso Social deste ano.
- O convite a autoridades para palestras e rodas de conversas sobre violência e segurança pública com os alunos e outros membros da Comunidade Educativa.



UM OÁSIS DE LAZER E CONHECIMENTO

Biblioteca juvenil se firma como referência de espaço para o encontro afetivo com a leitura e o estudo

Tarde de uma quarta-feira, hora do recreio no Colégio São Vicente de Paulo. Daniel de Almeida, Morena Boetger e João Arlotta estão, cada um no seu canto, na Biblioteca Professor Jorge Luiz, no 3º andar. Daniel tem nas mãos um livro, Morena olha o celular e João está na frente do computador.

“Venho para cá praticamente todo dia. Adoro livros e a paz da biblioteca me atrai”, diz Daniel, 12 anos, com o exemplar de *Vinte mil Léguas Submarinas* no colo. “A biblioteca é meu lugar favorito, é silencioso, tem ar condicionado, é bom pra estudar e sempre tem coisas legais para ver e ler, como os quadrinhos que eu adoro, livros, vídeos...”, completa Morena, 13 anos, aluna da 802. Ela conta que está lendo *Percy Jackson*

– “o primeiro livro pelo qual me apaixonei” –, mas que o esqueceu em casa, então optou por ver um filme no celular. João, também com 12 anos e, como Daniel, cursando o sétimo, diz que não gosta de futebol e que prefere vir para a biblioteca ver vídeos. “Este que estou vendo é de uma cara criticando a realidade do YouTube”, contou.

Daniel, Morena e João não são exceções. Maria Teresa Guedes, coordenadora geral e pedagógica da Biblioteca Juvenil, revela que o espaço está sempre repleto de alunos. “Temos grandes leitores aqui, gente que vem na hora do recreio, que prefere ficar lendo a ficar correndo ou brincando no pátio, gente que tem um nível de leitura impressionante”, diz Teresa, que completa orgulhosa: “Conseguimos construir uma cultura



Em cima, da esq. para a dir., João Arlotta, Daniel de Almeida e Morena Boetger. Abaixo, grupo de alunas da T 803. Na página ao lado, Mônica Silva, auxiliar da coordenação, no salão da biblioteca



“TEMOS GRANDES LEITORES AQUI, GENTE QUE VEM NA HORA DO RECREIO, QUE PREFERE LER A CORRER OU BRINCAR NO PÁTIO, GENTE QUE TEM UM NÍVEL DE LEITURA IMPRESSIONANTE.”

MARIA TERESA GUEDES,
COORDENADORA DA BIBLIOTECA JUVENIL



da biblioteca entre os alunos. Eles têm aqui uma referência de espaço onde vêm pegar livros e revistas, pesquisar, estudar, fazer trabalhos em grupo”.

E era mesmo o que se via naquela tarde. Numa mesa ao fundo, Manuella Fuss, Elisa Rocha e Beatriz Martins, da turma 803, estavam trabalhando no esboço da pintura do muro que fariam em breve, enquanto as colegas Gabriela Madruga de Almeida, Sofia Willigsecker, Maria Eduarda e Maria Paula Dias Fraga, do 6º ano, estudavam juntas de portas fechadas, numa das salas reservadas da biblioteca. “A gente vem pra estudar em grupo no recreio sempre que tem matéria nova. É mais prático do que ir para casa umas das outras”, disse Gabriela.

Segundo a coordenadora Teresa, professores também vêm à biblioteca dar aula, fazer pesquisa com os alunos. “Eles são atraídos pelos livros como numa livraria. Os livros são novos, bonitos, ficam expostos...Eles pegam, folheiam e muitos levam emprestado para ler em casa”.

Acervo atualizado

É quase irresistível mesmo. Logo na entrada, à direita, ficam à mostra as novas aquisições – são mais de 500 títulos por ano, tanto novidades do

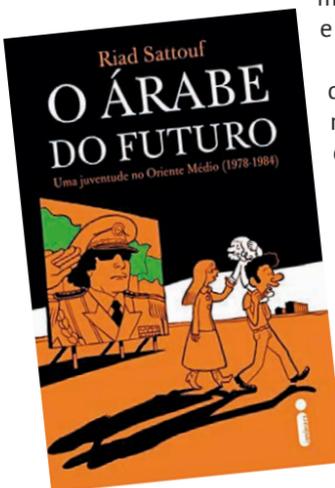
mercado editorial como obras relacionadas aos projetos em curso na Escola.

Há uma estante só de livros de culinária para crianças e jovens (que fazem o maior sucesso!); outra de quadrinhos (também muito disputados!), outra de livros de detetive, mais uma de clássicos universais, outra ainda só de livros sobre o Rio de Janeiro, uma de biografias e memórias, outra de lugares do mundo...

O acervo – de cerca de 24 mil títulos, entre livros de literatura, de referência, de interesse geral e periódicos – é mantido pela direção do Colégio em conjunto com a Associação de Pais e Mestres (APM). Além disso, a biblioteca também recebe doações de editoras, escritores e livrarias com as quais tem parceria.

“O acervo é muito atualizado”, diz Teresa, que, desde que chegou ao Colégio, em 1999, reorganizou todo o material, hoje já catalogado e informatizado, possibilitando que as consultas por título, autor e assunto possam ser feitas através de um terminal de computador.

“Nosso esforço tem sido de tornar a biblioteca juvenil um centro de recursos educativos



integrado ao processo de aprendizagem, acolhendo os alunos num espaço que favoreça um verdadeiro encontro afetivo com a leitura e com a busca do conhecimento”, completa a coordenadora.

Nesse trabalho, que não deixa nada a dever a nenhuma biblioteca profissional do mundo, ela conta com a ajuda valiosa de Fernanda Viana, bibliotecária, e Mônica Silva, sua auxiliar.

As regras de uso e convívio são as mesmas adotadas por qualquer biblioteca, para que os alunos já se habituem a esse padrão: falar só o mínimo necessário e em voz baixa, guardar mochilas nos escaninhos, não entrar com comida e bebida, devolver o livro no prazo estipulado e fazer a reposição em caso de perda ou dano...

A inscrição é automática, feita junto com o ingresso do aluno no Colégio. Professores também podem usar o espaço e funcionários podem fazer empréstimos.

Processo de digitalização

Inaugurada em 1962, a Biblioteca Professor Jorge Luiz atendia a todas as faixas etárias até 1991, quando foi criado um espaço dedicado exclusivamente às crianças, a Sala de Leitura Menino Maluquinho, próxima às quadras. Desde então, a biblioteca do 3º andar atende aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio e ao curso de Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Em 1998, ela passou por uma revitalização pedagógica e de seu espaço físico. As instalações foram ampliadas, com a criação de áreas diferenciadas para leituras individuais e estudos em pequenos grupos. E foram também incluídos recursos informatizados para digitação de trabalhos e pesquisa na Internet.

E as mudanças não param. “As bibliotecas estão passando por um forte processo de digitalização de seus acervos. As enciclopédias físicas perderam o sentido, alguns periódicos deixaram de ser publicados, outros só existem em formato digital”, diz Teresa. Filmes, vídeos, tutoriais, livros digitais fazem parte da nova realidade e a biblioteca tem acompanhado essa evolução. Em breve, vai ganhar três notebooks, bloqueados para jogos, e-mails e redes sociais, para suprir a demanda.

E os celulares também são permitidos no espaço da biblioteca. Desde que não façam barulho, claro. “Eles fazem parte da vida de todos nós. Não faria sentido privar os alunos disso”, afirma Teresa Guedes.

CIRANDA, A MENINA DOS OLHOS NA FORMAÇÃO DE LEITOR

Até o 5º ano do Ensino Fundamental, a leitura faz parte da grade curricular dos alunos do Colégio São Vicente, como aula mesmo, dada uma vez por semana na Sala de Leitura Menino Maluquinho.

Depois disso, não existe mais tempo de biblioteca pré-definido. Os alunos do segundo segmento do Fundamental, do Ensino Médio e da EJA vêm à biblioteca juvenil fazer pesquisa para algum tema que está sendo trabalhado em sala de aula, estudar ou fazer trabalho em grupo ou ainda a lazer, na hora do recreio.

Mas como fica a relação com os livros, numa fase em que a vida em grupo chama tanto ao convívio, sobretudo com o advento do celular e das redes sociais?

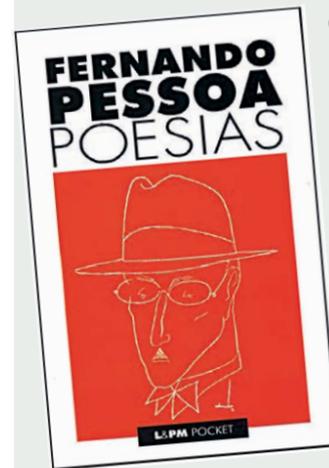
É nessa hora que a Ciranda, projeto realizado em parceria entre a biblioteca e os professores de Língua Portuguesa e Literatura, tem papel fundamental de incentivo à leitura.

“A Ciranda é nossa menina dos olhos, nosso trabalho do coração, porque é a relação que a gente

tem com os alunos no trabalho de formação de leitor”, diz Teresa Guedes.

Cada turma do 6º ano em diante possui uma caixa de Ciranda, com 35 títulos, selecionados conjuntamente pelo professor e a biblioteca, com sugestões dos alunos. São livros de todas as épocas, gêneros, tamanhos e estilos, adequados à proposta pedagógica da escola e à faixa etária dos alunos, para que eles leiam não por obrigação, mas por opção.

“É um trabalho de sedução. A gente apresenta os livros num primeiro contato do ano, fala de cada um, dos autores, do que tratam. Os alunos manuseiam, folheiam, e, se tiverem interesse,



pegam. Tem quem pegue vários, quem não pegue nenhum. E aí vamos conversando. A ideia é que essa leitura circule e essa impressão da leitura também, tentando tirar o peso da atividade, puxando pelo prazer mesmo”, diz Teresa.

Cada publicação da Ciranda pode ficar 20 dias com o aluno, enquanto os demais livros do acervo têm prazo de dez dias de empréstimo. Normalmente os encontros se dão uma vez por mês em cada turma.

A Ciranda acompanhou um desses encontros, da Turma 803, levada à biblioteca pela professora Fernanda Lacerda.

Com as cadeiras dispostas em círculo e os livros da caixa de Ciranda sobre as mesas no centro, os alunos, estimulados por Teresa e Fernanda, iam comentando o que leram ou não leram, do que gostaram ou não gostaram, de maneira livre e despreocupada.

Uma aluna diz que não pegou nada da caixa porque está lendo no celular um livro que encontrou na internet. Outra conta que leu *O Diário de Anne Frank*, gostou, mas que é muito triste. “Precisa ver se você está pronto pra ele, porque é um livro difícil”, opina.

Outra diz que está lendo a história da Rainha Margot, que, segundo ela, “é quase uma série do Netflix: tem aventura, romance, alianças... adoro histórias da monarquia”, comenta.

Os meninos, mais calados, vão aos poucos se soltando. “Eu peguei a biografia do Kelly Slater, mas não consegui ler, não me interessei”, diz um aluno. Outro conta que pegou *A morte no Bosque*, mas que não leu porque não teve tempo. “Era época de teste, não deu tempo”. Um terceiro relata que está lendo *O Extraordinário*, fora da Ciranda. Outro diz que gosta muito de quadrinhos.

A professora e a coordenadora da biblioteca vão entremeando a conversa, fazendo perguntas, estimulando o debate e o pensamento crítico. “O que podemos dizer aos colegas que não estão lendo?”, pergunta Teresa, por fim. “Que não tem nenhum problema não ler, mas que é legal experimentar”, ela mesma responde. Ao que uma aluna acrescenta: “Acho bom começar com livros que têm a ver com a vida da gente, com assuntos de que a gente gosta”.

Ao final, todos se debruçam sobre os livros da caixa espalhados sobre a mesa, folheando, lendo orelhas, contracapas, até se decidirem por pegar algum. Ou não. E segue a Ciranda...



Alunos da turma 803 e Teresa Guedes durante encontro da Ciranda de Livros em maio. Os títulos que ilustram estas páginas são os campeões de empréstimo na biblioteca e na Ciranda

INCLUSÃO E DIVERSIDADE EM DEBATE

Roda de conversa tratou das estratégias inclusivas adotadas no Colégio em prol do acolhimento e desenvolvimento de todos



Admiração, gratidão, orgulho. Esses foram alguns dos sentimentos expressos pelos pais e responsáveis presentes à roda de conversa sobre Inclusão e Diversidade nas Escolas, em especial, à postura que o São Vicente de Paulo adota sobre o tema.

Convocada pela Associação de Pais e Mestres e pela Direção do Colégio, a roda de conversa foi realizada, na noite de 15 de maio, com as participações de Rosana Glat, professora e diretora da Faculdade de Educação da Uerj, especialista em educação inclusiva, e da ex-aluna Ana Abreu, coordenadora artística e de conteúdo do canal GNT e roteirista da série documental *Eu sou assim*, exibida ano passado na TV. A mediação foi da coordenadora acadêmica adjunta do CSVP, Maria Alice Azevedo, também especializada no assunto.

Maria Alice abriu a noite falando do engajamento de longa data do Colégio São Vicente com a educação inclusiva e do Programa de Inclusão, que, desde o ano passado, vem sistematizando as ações adotadas pela escola de forma a garantir o acolhimento, a aprendizagem e o pleno desenvolvimento daqueles que vivenciam necessidades, síndromes e transtornos diversos – os chamados alunos em situação de inclusão. “Trata-se de um programa em permanente construção. Não tem prazo para acabar e está sempre pronto a ser atualizado, com novas visões e ferramentas”, frisou a coordenadora.

Adequar a Escola ao aluno

Rosana Glat destacou que a política de educação inclusiva não é um modismo do Brasil e que ela se insere num debate amplo, em curso no mundo todo há 30 anos,

sobre aqueles tradicionalmente excluídos do processo educativo. “Hoje não é mais uma opção. A lei garante a matrícula de todos na escola. E não é mais a criança que deve se adaptar à escola, mas a escola que deve se adaptar à criança”, afirmou.

De acordo com a pedagoga, o desafio é não somente dar oportunidade de acesso, mas trabalhar com as diferenças e necessidades de cada um, adequando o ensino ao aluno. “Não existe um roteiro pronto. Inclusão é um processo que tem que ser customizado em cada escola, cada sala de aula, para cada aluno”, disse Rosana Glat, que se mostrou muito bem-impressionada com o trabalho diferenciado que vem sendo desenvolvido no CSVP a esse respeito.

Em seguida, as etapas do Programa de Inclusão, que foi tema da reportagem de capa da última revista *A Chama*, foram expostas pelas orientadoras educacionais dos diversos segmentos de ensino do Colégio, presentes à roda de conversa. Krika, Maria Clara, Cordélia, Tatiana e Nira mostraram a planilha com o levantamento das situações encontradas no Colégio São Vicente, a tabela informativa com as características e as necessidades especiais de cada aluno em situação de inclusão, e o material de apoio construído a partir dela, com as estratégias de ação para cuidar dos casos, individualmente.

Depois foi a vez de Ana Abreu, também mãe de dois filhos matriculados no Colégio, falar do processo de produção da série *Eu sou assim* e mostrar uma edição com trechos do programa, que emocionou os presentes pela sensibilidade na maneira de tratar o assunto. “O objetivo principal da série foi o de ouvir essas pessoas. Cada

episódio trata de um tema e tem sempre um adulto e uma criança como personagens, por exemplo, uma criança que relata suas angústias, com uma determinada síndrome, como autismo ou déficit de atenção e um adulto, que fala do caminho que trilhou para lidar melhor com essa condição”, disse.

Na sequência, pais, mães, professores e orientadores relataram suas experiências, sentimentos e expectativas vivenciadas na prática da inclusão na escola. Ivone, professora de Inglês, contou de sua reação ao saber que teria dois alunos com autismo em sua sala. “Fiquei em pânico, imaginando como seria lidar com isso. Mas, para minha surpresa, a experiência tem sido ótima e muito enriquecedora. Os colegas aceitam bem. É um aprendizado grande”, disse.

A orientadora Nira falou dos materiais trabalhados (música, textos, brincadeiras, entre outras possibilidades) e da boa aceitação das crianças. Para ela, “esta geração vai saber lidar melhor com as diferenças, porque isso já faz parte da vida dela desde pequena”.

Perguntas e comentários

Bullying, preconceito, desinformação, medicalização excessiva, engessamento em diagnósticos, foram algumas das preocupações expostas pelos presentes em perguntas e comentários. Testemunhos de reconhecimento e gratidão pelo trabalho desenvolvido na escola também.

Com um filho em situação de inclusão no 3º ano do Ensino Médio, uma mãe elogiou o trabalho do Colégio no trato com ele, que classificou de “fenomenal”. Outra, mãe de uma aluna com dislexia e um aluno com transtorno de

“NÃO É MAIS A CRIANÇA QUE DEVE SE ADAPTAR À ESCOLA, MAS A ESCOLA QUE DEVE SE ADAPTAR À CRIANÇA.”

ROSANA GLAT,
DIRETORA DA FACULDADE
DE EDUCAÇÃO DA UERJ



déficit de atenção, também relatou sua experiência positiva de diálogo com a escola, que tem sido muito benéfica para seus filhos. Um pai elogiou o apoio e o olhar acolhedor que seu filho vem recebendo. Outro se disse encantado de saber de tudo isso e falou da importância da continuidade do trabalho, do envolvimento dos pais e da comunicação permanente entre a Comunidade Escolar.

Encerrando a roda, Padre Agnaldo agradeceu os muitos testemunhos de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo Colégio e, sobretudo, o empenho dos profissionais da casa nesses procedimentos.

Ao final, ficou a certeza da importância de se estar em constante preparação e capacitação para esse olhar acurado para as necessidades de aprendizagem individuais e para a troca permanente entre a escola e a família, e todos os envolvidos no processo educativo.



QUANDO A EXPRESSÃO VENCE O MEDO

Curso de Teatro ajuda alunos do noturno a se comunicar melhor e desenvolver sua autoestima

“O teatro me faz muito bem. Antes, eu nem conseguia falar. Tinha medo, achava que se eu falasse ia incomodar. Até na sala de aula eu ficava quieta, tinha vergonha de perguntar o que eu não entendia. Hoje eu consigo perguntar, quero ir pra frente, continuar a estudar, fazer outras coisas. Estou aberta para o mundo. E estou maravilhada.”

Esse depoimento vibrante e emocionado é de Ana Paula dos Santos Menezes, baiana, auxiliar de serviços gerais, 37 anos, há dez morando no Rio. Ela precisou parar de estudar aos 19 anos, mas queria muito voltar. Conseguiu seis anos atrás, quando conheceu a Educação de Jo-

vens e Adultos, a EJA, do Colégio São Vicente. E não parou mais.

“Eu tive muito sofrimento na minha vida. Então, eu era muito fechada, não conseguia me abrir, nem sorrir. Fui criada pra ter medo das coisas e das pessoas”, conta Ana Paula.

No ano passado, ela entrou no Curso de Teatro oferecido aos alunos da EJA.

“Vi no curso de teatro a possibilidade de mudar isso. E ele tem me ajudado muito a enfrentar meus medos. Hoje, eu recebo parabéns dos meus professores, meu sorriso é de dentro pra fora, sincero.”

É este mesmo o objetivo principal do Teatro da EJA: desenvolver a autoestima dos alunos,

através da comunicação, da expressão e da valorização das diferenças.

Construção coletiva

A professora Joana Cabral, que dirige o Teatro Juvenil (do 6º ao 8º do Fundamental) no turno diurno, assumiu este ano o Teatro da EJA, até então a cargo do professor Marcelus, de Geografia. E está encantada com a diversidade do público e com as possibilidades que se apresentam nesse segmento.

“Sempre quis trabalhar com esse grupo e fiquei muito honrada com o convite para assumir a turma. A minha proposta de trabalho com eles é de uma construção coletiva de todo o processo teatral, em que eles sejam a origem e o centro”, diz Joana.

O curso é gratuito, funciona aos sábados, das 10h às 11h30, nas salas do subsolo do Colégio, e continua aberto a novos participantes. São cerca de 12 alunos. Pelas próprias características do público – que, em sua maioria, trabalha de dia e estuda à noite, a rotatividade é grande.

Mas tem quem esteja na turma desde o começo, há dois anos. É o caso do aluno Lucas Leonardo de Andrade, de 20 anos. Ele conta que é apaixonado por teatro desde pequeno. “Quando soube que no São Vicente de Paulo tinha teatro, vibrei. É como se fosse uma terapia pra mim, adoro. Quero terminar logo meus estudos pra fazer faculdade de teatro”, diz.

Aula aberta

Este ano, o grupo está trabalhando com o tema superação da violência, como nas demais disciplinas da EJA, inspirado na Campanha da Fraternidade. A partir de exercícios, improvisos e jogos teatrais desenvolvidos em aula, surgiu a ideia de levar o resultado para o palco, numa aula aberta ao público.

“Começamos a desenvolver esse trabalho e eu percebi a necessidade do grupo de estar em cena”, revelou Joana Cabral. Foi assim que, na noite de 15 de maio, o Teatro da EJA mostrou seu *Estudo sobre Violência* para um auditório lotado de alunos, tanto do curso noturno, quanto do Teatro Juvenil, diurno. “Foi uma noite especial. Depois houve um debate bacana, com depoimentos emocionados da plateia”, contou a professora.

Para quem estava no palco, a emoção também foi grande. Alice de Oliveira Souza Cristóvão, 18 anos, aluna do 1º ano do Ensino Médio da EJA, está no curso de teatro desde o ano passado. Na apresentação do dia 15, a convite de Joana, ela subiu ao palco com uma missão especial: “Fiz um monólogo, um relato de como é ser trans desde criança, como é o meu caso. Acho importante po-

O CURSO É GRATUITO, FUNCIONA AOS SÁBADOS, DAS 10H ÀS 11H30, E CONTINUA ABERTO A NOVOS PARTICIPANTES

der falar isso no teatro porque o Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo”, disse Alice.

Em outro esquete, a aluna representou a namorada trans de um rapaz, que, ao apresentá-la à mãe, recebe de volta o comentário de que aquilo é uma decepção e um desgosto para ela. Outras situações de violência também foram encenadas: um pai que bate na filha, grávida; um homem branco que fica com a vaga de emprego, apesar de ser menos qualificado que outra concorrente, mulher e negra; um rapaz que faz um comentário preconceituoso com uma nordestina na fila do supermercado... Situações de racismo, machismo e xenofobia, encenadas em duos ou trios pelos alunos, a partir das vivências cotidianas de violência de cada um.



Edna Sena, de 48 anos e aluna da 7ª fase da EJA, estava na plateia e se emocionou tanto com o que assistiu que na semana seguinte se inscreveu também no curso.

“Quando eu assisti a peça, fiquei muito tocada. Meu marido tem uma filha adolescente que mora conosco. Tenho tido muito atrito com ela, até físico. A apresentação me fez despertar que a violência não é uma coisa legal, a gente tem que mudar a forma de agir. Então, o teatro me motivou. Fiz uma aula experimental e adorei. Está me fazendo bem e não quero mais parar”.

Da esquerda para a direita, de pé, Paloma, Cleide, Lucas, Joana Cabral, Símplicio e Alice. Agachadas, Andreza, Ana Paula e Bárbara. Na página ao lado, Alice em seu depoimento para *Estudo sobre Violência*

A DOCTRINA DO “EU” SOB MÚLTIPLAS LENTES

Egoísmo – do latim, ego (eu) ismo (doutrina) – é um termo comum, embora, muitas vezes, o utilizemos sem refletir sobre ele com atenção. O ato de ser egoísta é assumido como deixar de favorecer outrem em prol do próprio benefício. Porém, trata-se de um sentimento mais complexo e fundamental que está entranhado em nós e em nossa sociedade. Esse artigo tem por objetivo expor diversos espectros do egoísmo, com o propósito de despertar a reflexão a respeito desse tema que trata do ser singular: o EU.

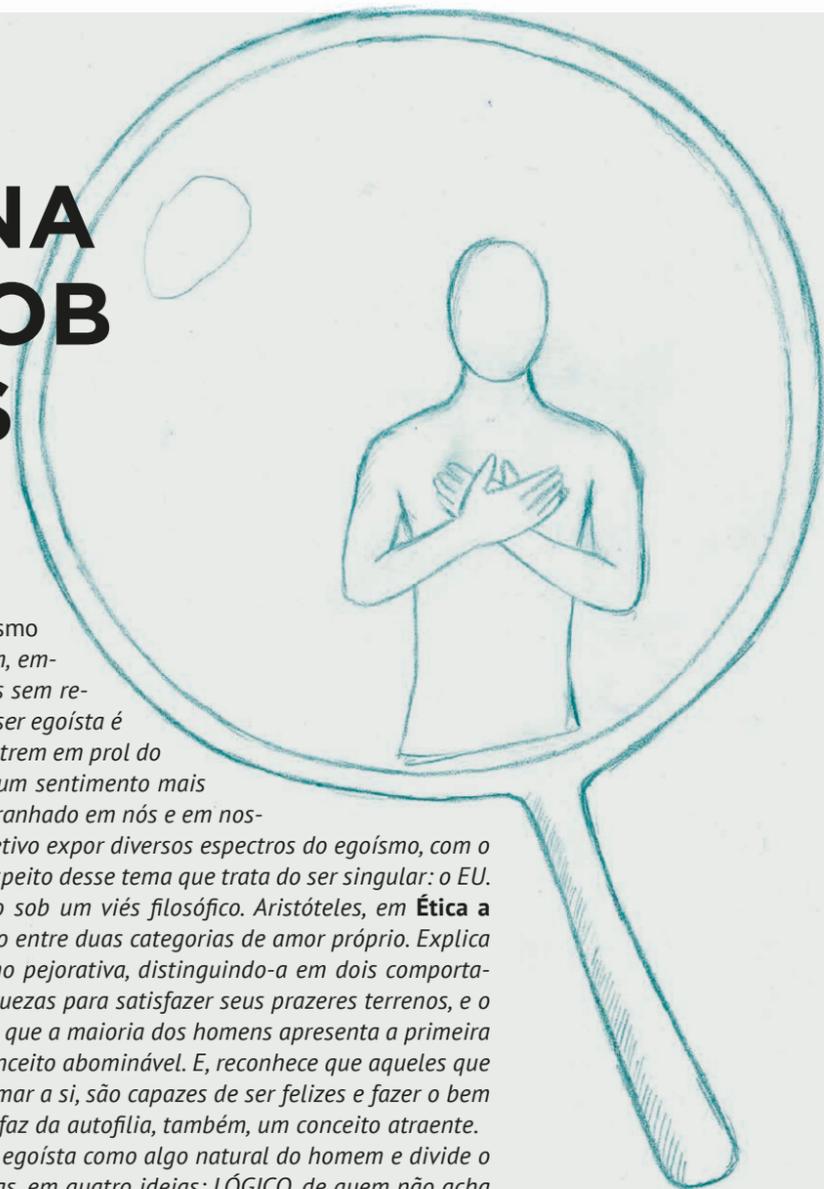
Vejam, inicialmente, o egoísmo sob um viés filosófico. Aristóteles, em **Ética a Nicômaco**, apresenta uma comparação entre duas categorias de amor próprio. Explica a razão de a autofilia ser taxada como pejorativa, distinguindo-a em dois comportamentos, o dos que “abocanham” as riquezas para satisfazer seus prazeres terrenos, e o dos que amam a si próprios. Esclarece que a maioria dos homens apresenta a primeira natureza, o que faz da autofilia um conceito abominável. E, reconhece que aqueles que apresentam a segunda natureza, ao amar a si, são capazes de ser felizes e fazer o bem aos que vivem em seu entorno, o que faz da autofilia, também, um conceito atraente.

Kant considera o comportamento egoísta como algo natural do homem e divide o egoísmo, de acordo com suas naturezas, em quatro ideias: LÓGICO, de quem não acha necessário submeter seu próprio juízo ao juízo alheio; ESTÉTICO, de quem se satisfaz com seu próprio gosto; MORAL, de quem restringe todos os fins a si mesmo; METAFÍSICO, de quem responde negativamente à pergunta: “eu, como ser pensante, tenho razão de admitir, além da minha existência, também a de um todo de outros seres que estão em comunhão comigo?” Dentre as quatro categorias, a que menos se pensa a respeito é a do EGOÍSMO METAFÍSICO. Ela aparece como tema de diversas obras de ficção; o aclamado filme **Matrix** é um exemplo clássico.

Bernard Mandeville, na **Fábula das abelhas**, apresenta uma ideia curiosa sobre o egoísmo. Ele sugere que toda ação humana tem origens pretensiosas e individualistas, inclusive os atos de caridade e auto sacrifício, pois os fazemos com o intuito de sermos recompensados, ainda que emocionalmente, ou para evitarmos um sentimento de culpa. Mandeville considera, assim, o altruísmo como uma forma de egoísmo.

Examinemos, agora, o egoísmo sob aspectos biológicos. As ações dos seres vivos convergem para um único objetivo: sobreviver. Essa busca da sobrevivência é muito bem observada no estudo das relações ecológicas harmônicas e desarmônicas. Dentre as relações harmônicas estão o mutualismo e a simbiose, que podem ser consideradas “altruístas”, visto que resultam em benefício para as espécies envolvidas. Já as relações desarmônicas, como a predação, podem ser consideradas “egoístas”, já que um dos indivíduos tira a vida do outro para sua sobrevivência.

Situando o ser humano nas relações ecológicas, vemos que estamos inclusos em uma das configurações intraespecíficas harmônicas: a sociedade. Assim como diversos



insetos e mamíferos, o ser humano vive em sistema de sociedade, caracterizado por um grupo de indivíduos da mesma espécie que vivem juntos de forma permanente e cooperando entre si. Nesse sentido, a sobrevivência do ser humano depende diretamente da nossa capacidade de cooperação e trabalho conjunto; pode-se dizer, então, que somos organismos mais altruístas do que egoístas.

Passemos ao exame do egoísmo à luz da psicanálise. Segundo Freud, ser egoísta é estar subordinado ao Id, uma das três estruturas do aparelho psíquico. Tal estrutura está ligada aos instintos primitivos e impulsivos, aos desejos inconscientes e ao desconhecimento da moral. O Id é responsável por nossa sobrevivência, e, nesse ponto, ele é muito importante; todavia, uma vez que nos inserimos em sociedade, é preciso aprender a controlá-lo. Tal afirmação fica clara quando se pensa na forma como um bebê age; quando crianças, somos inteiramente dominados pelo Id, esperamos que todas as nossas vontades sejam satisfeitas rapidamente, pois dessabemos qualquer regra ética ou moral. Porém, no processo de amadurecimento, diversas figuras de autoridade, principalmente os pais, ensinam e impõem as regras de bom comportamento – isto é o surgimento do Superego, o qual representa os valores da sociedade necessários para o convívio “civilizado”.

Pode-se dizer que o egoísmo é algo que aprendemos a definir como negativo e indigno, e, para podermos viver em harmonia, simultaneamente o altruísmo se ergue como algo positivo e honrado. Tal desenvolvimento de valores é imprescindível para a estruturação de uma comunidade saudável. No entanto, há de ser lembrado que a composição do Ego parte do equilíbrio entre o Id e o Superego, ou seja, ser egoísta demais traz consequências desastrosas, mas, ainda assim, é preciso manter uma relação sadia com os próprios desejos, ou a busca pela felicidade pode ser seriamente comprometida.

Como último campo de reflexão, avaliemos as perspectivas históricas e sociológicas. Durante toda a existência humana e em todas as suas formas de convívio, houve egoísmo e ganância, que podem ser considerados os maiores males do comportamento humano. Na Pré-História, a vida em comunidade consistia em garantir privilégios aos que eram fortes, ágeis e/ou sexualmente atrativos; alimentos e diferença de tratamento dependiam de tais qualidades.

Com o início das primeiras civilizações, há um padrão que surge dentre elas: a sociedade de classes. Esse fenômeno está completamente atado ao conceito de egoísmo, dado que, ao dividir a população em relação aos direitos e regalias, a motivação parte das classes do “topo”, que querem garantir e preservar suas liberdades, e, com essa finalidade, privam a maioria da população de ter as mesmas condições.

Atualmente, a desigualdade social é ainda mais gritante, visto que um só homem pode possuir a riqueza maior que a de um país inteiro. Bill Gates possui um patrimônio líquido de 86 bilhões de dólares, enquanto a República do Congo totaliza aproximadamente 8 bilhões, isto é, menos de 10% do montante do maior bilionário do mundo. Em um cenário no qual alguns vivem a vida sem saber como gastar seu dinheiro – que parece ser infinito, e outros não conseguem ao menos sustentar sua própria alimentação, é difícil acreditar que o ser humano tem uma natureza altruísta.

E o que se pode concluir sobre tudo isso? O egoísmo vem do simples ato de existirmos, vem do fato de cada um ser um indivíduo singular que enxerga o universo, única e exclusivamente, de seu próprio ponto de vista. Ele é parte de nós e é o que nós somos. E, embora o altruísmo pareça se curvar à moral, o que ocorre é apenas a percepção egoísta do indivíduo de que é mais favorável ser ético e bondoso, assim como propôs Mandeville. Mas, não se assuste, essa proposição de Mandeville é apenas um ponto de vista, singular e “egoísta”. Além disso, o fato dos atos humanos serem inteiramente egoístas não desmerece a repercussão positiva deles. Trabalhos voluntários e caridosos podem ser meramente motivados pelo sentimento reconfortante de realizar boas ações, contudo, não significa que esses trabalhos deixem de refletir na melhora da vida das pessoas e da sociedade como um todo.

O altruísmo pode, pois, ser definido como uma espécie de “egoísmo bom”, cuja relação propicia tanto vantagens pessoais como alheias. Esse é o tipo de egoísmo que está faltando no mundo, e que deve ser buscado a fim de trazer mais harmonia, não só para a sociedade, como também para o ser singular: o EU.

por Nicolás da Cruz Cano (3C) e José Eduardo Tukia (3C), sob a orientação da professora Débora Finamore, a partir de uma experiência coletiva vivida no Colégio.

ilustração: Penélope Palma (3C)

Referências Bibliográficas
ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Martin Claret, 2016.
MANDEVILLE, Bernard. Fábula das Abelhas. São Paulo: Unesp, 2017.

CONECTANDO PESSOAS PARA UM MUNDO MELHOR

Ex-aluna Manuela Yamada está à frente do ColaborAmerica, festival que reúne inovadores digitais e sociais para debater as novas economias

Entre os dias 8 e 10 de novembro, o Rio vai sediar a terceira edição do ColaborAmerica, um festival anual que reúne inovadores digitais e sociais de todo o planeta para discutir as chamadas novas economias. Em 2016, na primeira edição do evento, 239 palestrantes de 16 nacionalidades e um público de quase quatro mil pessoas promoveram uma intensa troca de informações sobre novas formas de produzir e consumir, que priorizem as pessoas e o meio ambiente.

“Na última edição, conectamos gente de mais de vinte países ao redor do mundo para conversar, trocar e reaprender com pioneiros e pioneiras, que estão criando novas perspectivas para mudar a sociedade em que vivemos. Em 2018, nossa missão de conectar e cocriar modelos alternativos de economia na América Latina e no mundo continua”, afirma Manuela Yamada, ex-aluna do Colégio São Vicente, hoje com 29 anos.

Ao lado do sócio Tomás de Lara, Manuela é fundadora do festival, inspirado no evento francês OuiShare, que acontece anualmente em Paris. Formada em desenho industrial pela PUC-Rio – faculdade que escolheu por conta da forte ênfase em antropologia dada ao curso, ela direcionou sua carreira para o design sustentável.

Seu projeto final de graduação foi o desenvolvimento de um sistema de embalagem para catadores de lixo, criado a partir de resíduos de coco e polvilho, que lhe rendeu diversos prêmios, entre eles o Hot Spot nacional e o Red Dot internacional, referências importantes na área de design.

Trabalhando na empresa Matéria Brasil com estratégias de negócios de economia circular, que buscam maneiras de se fabricar e consumir diminuindo o impacto socioambiental, Manuela Yamada conheceu o OuiShare e se encantou. “Pensamos: por que não fazer um evento nos mesmos moldes, no Brasil, voltado para questões latino-americanas?”, contou ela. Assim nasceu o ColaborAmerica, para debater novas formas de se fazer negócio, que não tenham apenas o lucro como medida de sucesso.

Apostando em mudanças

“Dentro dessa ideia de novas economias, há vários movimentos, como economia colaborativa, circular, P2P, do compartilhamento, negócios sociais, e formas tradicionais também, como a economia solidária, em que o Brasil é pioneiro”, explica Manuela.

Segundo ela, tudo o que se fala de prática de manejo sustentável são técnicas que já estão presentes na nossa cultura há muitos anos. “A gente precisa perder o complexo de vira-lata e aprender a valorizar o que tem”, argumenta.

E um dos principais vetores de mudança está no fato de que as mídias digitais permitem a colaboração entre pessoas de forma direta, sem a dependência das estruturas hierárquicas e burocráticas das grandes organizações.

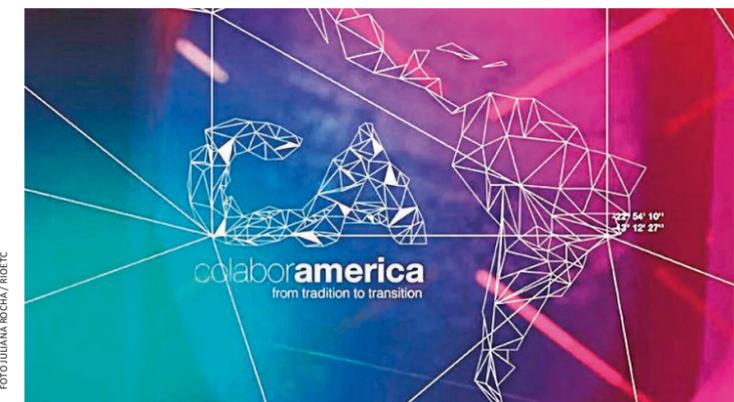
Por conta disso, as grandes empresas também estão tendo que rever suas formas de fazer negócios, adotando práticas mais éticas e responsáveis, para se manterem no mercado.

O papel de Manuela é fazer a ponte entre elas e a sociedade civil organizada, de maneira



“A GENTE PRECISA PERDER O COMPLEXO DE VIRA-LATA E APRENDER A VALORIZAR O QUE TEM”

MANUELA YAMADA



que ambas as partes saiam ganhando. E o meio ambiente também. “Não é fácil, porque há resistências dos dois lados. Mas precisamos apostar na mudança, porque este sistema está entrando em colapso, não se sustenta mais.”

Nesse trabalho de empreendedora social, nossa ex-aluna aprendeu que, por mais inovador que se seja individualmente, há um limite do que se consegue se a esfera pública não estiver junto. Por isso, decidiu-se por fazer um mestrado em políticas ambientais, que atualmente cursa, na França. “A gente precisa de políticas públicas que impulsionem o desenvolvimento sustentável”, diz.

Perguntada o quanto os anos de São Vicente influenciaram sua trajetória, Manuela responde sem titubear: “Completamente. O Colégio te faz ver que você tem de fato a possibilidade de mudar o mundo. É claro que isso tem a ver com a minha família, até porque não foi à toa que ela escolheu essa escola pra mim. Mas esse lema de educar para a transformação social é muito forte. A gente sabe que o mundo é duro, que a sociedade é muito desigual e que mudar é difícil. Mas, independente do tamanho, a contribuição de cada um é fundamental. E, no final, somos muitos fazendo. Pode acreditar”.

Missão cumprida! Depois de quatro meses de campanha intensa, passando o cofrinho nas salas de aula, e mobilizando parentes, amigos e toda a Família Vicentina para doações, os estudantes do Colégio São Vicente conseguiram. Arrecadaram o montante necessário à construção de uma casa de emergência para uma família na periferia. E lá foram eles pôr mãos à obra. Na parceria firmada com a ONG Teto, dez alunos do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos participaram, junto com os moradores da comunidade, da construção de uma casa em Jardim Gramacho, durante as férias de julho. O trabalho foi puxado. No segundo fim de semana da empreitada, a presidente da Associação de Pais e Mestres, Simone Fuss, foi convidada a se juntar ao grupo, substituindo um professor. A seguir, tanto ela quanto o aluno Matheus Benjamim contam o que foi para eles viver essa experiência, sintetizando um sentimento comum a todos os participantes. Que, já avisaram, querem voltar em novembro, fazer nova campanha de arrecadação, construir outra casa...

LIÇÕES DE VIDA...



À esquerda, o grupo de alunos do São Vicente que trabalhou na construção da casa, com o monitor Peter, da Teto. Acima, Simone Fuss e Matheus Benjamim, autores dos depoimentos aqui publicados. Na página ao lado, parte dos alunos com Alex, o futuro morador da casa, e a vizinha Glorinha, que preparou o almoço para a equipe

Domingo, 29 de julho, foi dia de sair da bolha! Aceitei com prazer o convite de última hora para trabalhar como voluntária, substituindo um professor, num projeto maravilhoso chamado Teto, acompanhando cinco adolescentes, voluntários como eu, que já haviam, no final de semana anterior, construído a tão sonhada casa de alguém! No nosso caso, era a da Fernanda e do Alex.

Nós estávamos indo para fazer os acabamentos finais... lixar a casa toda, pintar e colocar as portas e janelas...

Por mais que você se prepare, sabendo que você vai pra uma comunidade que se formou em cima de um aterro sanitário e que a maioria das pessoas vive em função do lixo e da reciclagem, que a renda é baixíssima e que a pobreza é enorme, não há como evitar o impacto quando você chega lá...

O lixo está por todo o lado e faz parte das maioria das casas... Há moscas por todo lado, muuuitas moscas... que pousam no tempo todo em você, na comida, na água...

Há muitos animais... porcos, galos, galinhas, pintinhos, cachorros, gatos ...

Há muitos urubus no céu sobrevoando as nossas cabeças...

Mas há crianças com sorriso no rosto, que jogam bola no campinho e soltam pipa!

Crianças como o Carlos, que tentou me enganar com a idade, mas para o azar dele, sou dentista e a sua idade estava estampada nas "janelas" de seu sorriso ... disse ter 10 ... eu duvidei e retruquei que deveria ter 6/7, 8 no máximo! Com o mesmo sorriso disse que tinha 7, mas que já sabia escrever. E orgulhoso escreveu seu nome no esparadrapo que estava cobrindo uma bolha na minha mão! Ganhei seu autógrafo e disse que ia guardar até ele realizar seu sonho e virar um jogador famoso!

A capacidade das crianças de sonhar é maravilhosa!

Há pessoas como a Glorinha, a vizinha da Fernanda e do Alex, que com sua casa feita de lona, pedaços de madeira e restos encontrados por aí nos tocam fundo o coração, com sua alegria, sua vontade de ajudar e seu bom humor! Colocou música para nós, nos emprestou seu "banheiro", serviu um

suco de maracujá geladinho e nos fez um almoço maravilhoso, que comemos com prazer e confesso que com um pouco de culpa. Culpa porque ela estava dividindo o que não tinha sobrando... e eu não podia recusar e nem me oferecer para pagar... seria uma desfeita e Glorinha não merece nenhuma desfeita! Merece sim muitos beijos, abraços e carinho! Merece uma casa e, se Deus quiser, quero ajudar a construir essa casa e depois de construí-la quero dançar novamente com ela e seus cachorros! Que momento feliz aquele! Glorinha e eu pulando ao som de um funk altíssimo, que confesso não é o meu tipo de música, e os cães dela pulando em cima da gente, numa dança engraçada e diferente!

Você volta pra casa com o corpo pesado, mas a alma leve... pensando que nunca mais vai reclamar de nada, pois se Glorinha, Alex, Fernanda e Carlos e tantos outros não reclamam, você não tem nenhum direito...

Você volta com a história deles marcada na sua alma... volta querendo mudar o mundo ou no mínimo mudar a vida de mais alguém... ser uma agente transformadora...

Volta triste com o abismo social, a situação de pobreza, afinal Jardim Gramacho é logo ali, a duas horas do seu "mundo" e a realidade deles está a anos luz da nossa... a situação de pobreza daquelas pessoas é uma realidade que muitos não imaginam estar tão perto, quase na sua esquina...

Volta dando valor a pequenas coisas do seu cotidiano e principalmente a coisa mais importante da vida, as pessoas! Que pessoas maravilhosas conheci este domingo! Não só os moradores, mas os outros voluntários, jovens e adultos que pararam para olhar para o lado e enxergaram a realidade que ninguém quer enxergar, e tiveram a coragem de sair da proteção de suas bolhas e se tornaram agentes de transformação social!

Obrigada Colégio São Vicente e Teto por transformarem a minha vida!

Simone Fuss
Presidente da APM





FOTOS: SIMONE FUSIS



No final da construção, os alunos entregaram a Alex o álbum com as fotos da construção de sua casa

Normalmente, o que nós, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, fazemos durante as férias é viajar, ir para a casa de amigos, a festas e principalmente ir à praia. Mas dessa vez decidi fazer diferente, pelo menos com uma parte do meu tempo livre, e embarquei numa nova experiência. No decorrer do primeiro semestre de aula, descobri que o Colégio estava fazendo uma parceria com a Teto, logo me interessei e quis participar do projeto, já que sempre tive vontade de fazer trabalho voluntário. Tínhamos como objetivo arrecadar R\$7.500, então passávamos pelas salas do 9º ano e do EM todas as semanas para conseguir o valor para a construção de um Teto, que serviria de lar para aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade.

Na semana da construção fiquei muito nervoso e considerei desistir por medo do que poderia vir pela frente. Mas, ao pensar no impacto que o projeto teria, criei coragem e comecei a busca por equipamentos necessários para levar.

Chegando lá, nos alocamos em uma escola onde dormiríamos. Não havia camas, apenas pequenos colchões, que poderiam até ser comparados com o chão. Todos os voluntários se reuniram para as apresentações das equipes e começamos a conhecer nossos líderes, o Peter e o Kiko. Kiko era um morador de Jardim Gramacho, que teve sua casa construída pela Teto, e agora ajudava a construir a casa de outros moradores. Fiquei na cabeça com algo que me disseram assim que cheguei lá, em Jardim Gramacho, que foi que nunca podemos nos apegar às primeiras impressões e esquecer os conceitos prévios que guardamos. Levei isso comigo durante toda a construção.

Quando chegamos no terreno, conhecemos Alex e Fernanda, que seriam os futuros donos da casa. Estavam muito tímidos, mas insistimos em puxar assunto com eles até que finalmente conseguimos. Alex, que nos ajudou com o trabalho braçal, começou a se soltar e criou uma certa confiança na gente, e com isso contou várias histórias da

sua vida, desde a mordida do porco até problemas familiares com o irmão. Já Fernanda, que era mais tímida, não se soltou muito, mas ajudou Glorinha, sua vizinha, a cozinhar o nosso almoço. Glorinha é uma pessoa totalmente extrovertida e adorava conversar. Durante toda a construção botava música pra gente no seu som.

Nós acordávamos às 4h30 da manhã e íamos dormir em torno das 23h; e o local da construção tinha muitas moscas, que pousavam em nossos copos e pratos de comida. Só que o clima lá era tão bom, que eu acabava não me importando tanto com elas, é como se eu tivesse me acostumado. O esforço feito era grande, tivemos muitos problemas com o terreno, cavamos três buracos de dois metros e trinta, sem contar o piloti que tivemos que tirar três vezes depois de pronto, mas a gente não desistia de forma alguma, tirávamos forças de onde não tínhamos. O cansaço era extremamente grande, mas a gente sabia que não podíamos desistir, não podíamos fazer corpo mole, porque além de ser muito importante para a gente terminar, era muito mais importante para eles receberem a casa, pois seria ali que eles iriam morar pelos próximos anos, seria ali que eles iriam construir um novo capítulo de suas vidas, ali iriam realizar vários outros sonhos. Durante todo esse tempo que passei em Jardim Gramacho aprendi muita coisa, mas o mais importante é que aprendi a dar muito mais valor para tudo aquilo que eu tenho, a todo o esforço que meus pais fazem para poder me dar uma vida melhor, porque enquanto alguns têm muito e reclamam por achar pouco, outros não têm nada, mas mesmo assim são felizes com o pouco que têm. E POBREZA NÃO DEFINE IDENTIDADE!!!!

Matheus Benjamim,
Aluno da turma 2C do Ensino Médio

MANHÃ LITERÁRIA

Um sucesso a Manhã Literária do Ensino Fundamental II, realizada no sábado 30 de junho! Com direito a encenação para a família e os amigos, e autógrafos dos artistas/autores, alunos do 6º ano lançaram, no auditório, o gibi *Mitos em quadrinhos*, com 15 histórias criadas por eles mesmos. O projeto foi desenvolvido nas aulas de Artes Cênicas, em parceria com Português e Informática. A partir da leitura de *Mitos Gregos*, livro de Eric Kimmel, os adolescentes fizeram um livro de quadrinhos com diversas técnicas. "O mais importante é destacar o desenvolvimento das muitas habilidades que esse projeto promoveu: expressão pessoal, autoestima, criatividade, respeito, valorização das diferenças...", disse Joana Cabral, professora de teatro. No mesmo dia, o 7º ano apresentou a exposição *Nas cordas da Poesia*, inspirada na literatura de cordel, com poemas em sextilhas, típicos do gênero. E as turmas do 8º ano focaram nos *Contos Africanos*, oriundos dos cinco países de língua portuguesa do continente, para produzir trabalhos em torno do tema *Ubuntu: eu sou porque nós somos*.



FOTOS: JOANA CABRAL

NOTAS



FOTO: SIMONE FUSIS

Acima, o professor Thiago Ripper durante a aula, e ao lado, foto de Marcia Djink, aluna recém-formada no curso



FOTOGRAFIA NA EJA

Cerca de 25 alunos da Educação de Jovens e Adultos participaram do curso de fotografia, promovido pela Associação de Pais e Mestres, no final de maio. Entre os dias 21 e 25, à noite, eles aprenderam a usar as novas tecnologias com o objetivo de tirar o melhor resultado possível, a partir de fotos feitas com celular. "Existe hoje uma grande produção de imagens, mas, em geral, imagens de muito baixa qualidade", disse o fotógrafo Thiago Ripper, um dos criadores do coletivo multimídia Favela em Foco, responsável pelo curso. Thiago deu ênfase ao uso da luz e do enquadramento para a criação de boas fotos. "Mostrei que com seus celulares eles podem captar e compartilhar belas imagens do seu cotidiano, em geral ausente da grande mídia, que só foca a criminalidade e as mazelas das comunidades pobres", afirmou. A aula prática, na Feira do Lavradio, ficou para o primeiro sábado de agosto já que, por conta da greve dos caminhoneiros, não pôde acontecer ao final do curso, como previsto.

VII SiSV

Nascido em 2012, a partir da experiência de dois alunos com encontros de modelos diplomáticos, o SiSV - Simulações São Vicente chegou em maio à sua sétima edição, mais uma vez formando alunos com mais conhecimento e maior capacidade de atuar efetivamente em prol das boas relações internacionais. Entre os dias 21 e 25, dez sessões simularam os encontros de organismos internacionais, seguindo as mesmas normas de conduta e rituais praticados em tais eventos. O SiSV foi encerrado, como de costume, com o MeSiSV, o tradicional campeonato de futebol – masculino e feminino – realizado logo depois da cerimônia de fechamento, no Ginásio. Todos os comitês e organização disputaram uma saudável competição pelo título. Parabéns, galera!



FOTO BRUNA FERREIRA

NOTAS



Acima, Luís Gai, Alessandro Molon (de pé), Alexandre Freitas e Leandro Lyra na mesa sobre Intervenção Federal no Rio. Ao lado, Talíria Petrone, Renata Salomone e Anielle Franco (sentadas) com os alunos do GREM, após o debate sobre Mulheres na Política

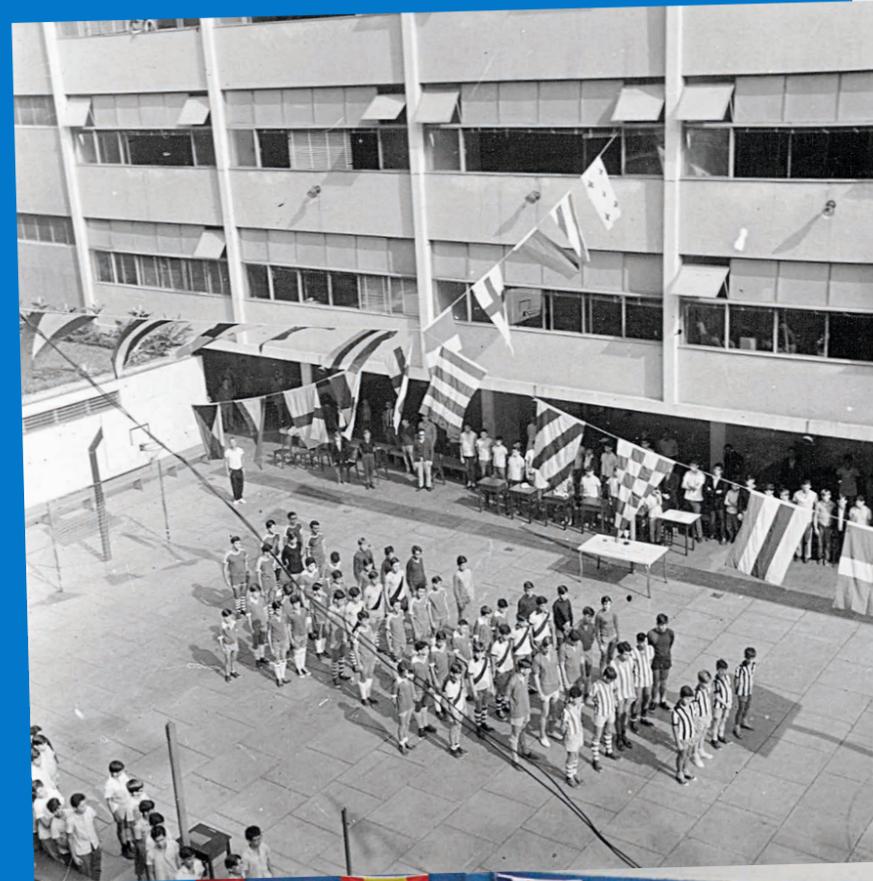
SEMANA POLÍTICA

Foram muito bons os debates e reflexões trazidos pela Semana Política 2018, realizada entre os dias 21 e 26 de maio. Organizados pelo GREM, o Grêmio dos Alunos do Ensino Médio, os encontros abordaram temas “quentes” do momento: *Conscientização para as eleições 2018; Inclusão Social, Reforma e Extensão do Ensino Médio, Movimento dos Sem Teto, Mulheres na Política e Intervenção Federal e Ditadura*, além de exibir o filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin. Na sexta-feira, 25 de maio, o ginásio lotou para ouvir os depoimentos da vereadora Talíria Petrone e de Anielle Franco, irmã da vereadora assassinada Marielle Franco, mediados pela professora de Sociologia Renata Salomone. Na manhã de sábado, a Semana Política foi encerrada com um caloroso debate no auditório, com grande participação dos alunos. Na mesa, o deputado federal Alessandro Molon fez duras críticas à intervenção federal no Rio, que foi defendida pelo vereador Leandro Lyra e pelo advogado e candidato a deputado estadual Alexandre Freitas. A mesa teve mediação do professor de História e Coordenador da EJA, Luís Gai.



FOTOS ARDUINO GSVF

ONTEM E HOJE



Qualquer campeonato esportivo começa sempre com as equipes em forma cantando o hino nacional. No Colégio São Vicente também é – e sempre foi – assim.

Mas vejam que interessante as mudanças que o tempo trouxe. Na foto em preto e branco, de 1964, vemos só meninos formados, antes do torneio de futebol. O colégio está enfeitado de bandeiras, os alunos com camisas de times. Eles estão prontos para o hino, no campo do pátio interno, o único na época.

A foto colorida é deste ano, da abertura dos Jogos Vicentinos, realizada no ginásio. As fileiras são formadas igualmente por meninos e meninas, do Fundamental I. E, como era véspera da Copa da Rússia, as bandeiras e os grupos de alunos representavam os times que disputaram o torneio mundial de futebol.



CLARICE DE MORAES BRITO



JOÃO LUIZ FERREIRA MARCONDES



TIAGO DE SOUZA MENEZES



VALENTINA RIBEIRO BASTOS MOLETTA

FOTOS PREMIADAS EM 1º LUGAR NO III CONCURSO DE FOTOGRAFIAS PE. LAURO PALÚ - 2016

IV CONCURSO FOTOGRAFICO PE. LAURO PALÚ

TEMA LIVRE

FOTOS FEITAS SOMENTE NO COLÉGIO

CATEGORIAS

- ENSINO FUNDAMENTAL I
- ENSINO FUNDAMENTAL II
- ENSINO MÉDIO
- EJA

INSCRIÇÕES DE 5 DE MAIO A 30 DE AGOSTO

PRÊMIAÇÃO NA FEIRA DE CULTURA E
COMPROMISSO SOCIAL - 29 DE SETEMBRO

3 PRÊMIOS POR CATEGORIA

VALES-PRESENTES DA LIVRARIA SARAIVA
R\$650 / R\$ 450 / R\$ 350 POR CATEGORIA

MAIS UMA CÂMERA NIKON PARA A FOTO
MAIS "CURTIDA" NA PÁGINA DO CONCURSO
NO FACEBOOK



ORGANIZADO PELA
ASSOCIAÇÃO DE
PAIS E MESTRES



COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO